

A LEITURA EXISTENCIAL DA PSICANÁLISE EM O SER E O NADA DE JEAN-PAUL SARTRE¹

Pierre Mignac de Lira, (graduado em Filosofia pela UFPE).

Orientador: Prof. Dr. Vincenzo di Matteo (Programa de pós-graduação da UFPE)

Resumo: Neste trabalho pretendemos expor as críticas de Sartre dirigidas a Freud, encontradas no segundo capítulo da primeira parte do seu livro *O Ser e o Nada*. Em seguida faremos uma breve análise dessas críticas e as suas articulações com a filosofia existencial de Sartre.

Palavras-chave: Inconsciente, Má-fé, Psicanálise.

P

ara os filósofos de orientação fenomenológica, foi difícil tolerar dois aspectos do freudismo: o primeiro deles caracterizava uma filosofia implícita que parecia retirar da consciência os poderes que, em seguida, atribuía multiplicados a um inconsciente “astucioso” e “maligno”. E o segundo, exibia uma linguagem que tentava explicar os fenômenos psíquicos completamente embebida em um marcado e indevido positivismo.² Dentre os que se defrontaram com essa problemática no séc. XX destacamos a figura de Sartre, que se considerava não um ‘falso amigo’ da psicanálise, e sim um ‘companheiro de viagem crítico’.³ Na sua obra principal *O Ser e o Nada* o filósofo francês, a partir de uma descrição fenomenológica da realidade, nos transporta através de longas cadeias argumentativas a uma concepção ontológica do homem, do mundo e das possíveis relações que daí surgem. É também nesta obra que Sartre desfere críticas à estrutura do sujeito freudiano e, ao contrário do que se possa imaginar, não fica apenas com uma postura desconstrutivista, ele “limpa”, depura a psicanálise, que ele chama de ‘empírica’, dos elementos que não confirmam com a sua análise existencial e a aproxima da sua concepção de homem.

Neste trabalho não pretendemos traçar uma história das relações de Sartre com a psicanálise, rastreando textos e entrevistas com ela relacionados, mas ater-se única ou pelo menos principalmente à obra de Sartre *O ser e o Nada*, considerando que as teses

¹ O trabalho é resultado de um ano de pesquisas do PIBIC com o apoio do CNPq e sob orientação do Professor Doutor Vincenzo di Matteo.

² MATTEO, V. Di. Sartre a psicanálise existencial. In: ____ (Org.). *Ressonâncias freudianas na filosofia do séc. XX*. Recife: Mestrado em Filosofia da UFPE, 2003. p.16.

³ PONTALIS, J.-B. Freud posto em imagens. In: *Perder de vista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991. p.154.

com relação à psicanálise, nela contidas, não se alteraram substancialmente no decorrer dos anos.

No primeiro momento trataremos das críticas feitas a Freud, mais especificamente, e por serem as principais, as que se encontram no segundo capítulo da primeira parte da referida obra. Em seguida, tentaremos avaliar como elas se articulam com a filosofia existencial de Sartre.

Má-fé e mentira

A exposição da crítica feita por Sartre à psicanálise freudiana deve, em primeiro lugar, partir da elucidação de um conceito crucial de sua filosofia: a má-fé. Na sua fundamentação ontológica da realidade o filósofo francês chega ao ponto de afirmar que o homem é o ser pelo qual a negação (o nada) vem ao mundo. E não é apenas isso: “É também o ser que pode tomar atitudes negativas com relação a si”.⁴ Mas tal afirmação nos leva a uma indagação: que deve ser o homem em seu ser para que lhe seja possível negar-se? A clarificação de tal questão deve ser respondida a partir de uma conduta essencial à realidade humana; uma atitude em que a consciência volta a sua negação para si em vez dirigi-la para fora. Esta é a má-fé.

Sartre afirma que a má-fé pode ser comparada à mentira, desde que façamos uma distinção entre simplesmente mentir e mentir a si mesmo. Na mentira, o mentiroso está completamente a par da verdade que esconde. “Não se mente sobre o que se ignora; não se mente quando se difunde um erro do qual se é vítima; não se mente quando se está equivocado”.⁵ O mentiroso pretende simplesmente enganar e não tenta, com isso, dissimular essa intenção ou mascarar a translucidez da consciência. Nesse sentido, não está sendo posta em jogo a intra-estrutura da consciência que é pura transcendência; todas as negações que constituem a mentira recaem sobre os objetos. Ela é o fenômeno natural do *mit-sein*, parte do reconhecimento da minha existência, da do outro, minha existência para o outro e a existência do outro para mim. É através dela que a consciência afirma existir como oculta para o outro, toma proveito de dualidade ontológica do eu e do eu do outro. Em outras palavras, para haver mentira é necessária a presença daquele que engana e a do enganado. Fica instaurada a dualidade enganador-enganado.

⁴ SARTRE, J-P. *O Ser e o Nada*. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 92.

⁵ Idem. p. 93

Mas sendo a má-fé um mentir a si mesmo, fica negada a dualidade ontológica a que tínhamos nos referido. Na má-fé eu escondo a verdade de mim, não há dualidade enganador-enganado, nela está implícita a unidade de uma consciência. Não se trata de um estado, não nos infectamos com ela; não vem de fora da realidade humana, a própria consciência se afeta da má-fé. Há um projeto de má-fé e uma intenção primordial, isto é, aquele a quem se mente e aquele que mente é uma só e mesma pessoa. Nas palavras de Sartre “Enquanto enganador, devo saber a verdade que é-me disfarçada enquanto enganado”.⁶ Ou melhor, essa verdade para que seja ocultada por mim com o maior cuidado, deve ser muito bem conhecida por mim.

Para que haja uma melhor compreensão do fenômeno da má-fé, vamos a um exemplo bastante elucidativo.

Vejamos esse garçom. Tem gestos vivos e marcados, um tanto precisos demais, um pouco rápido demais, e se inclina com presteza algo excessiva. Sua voz e seus olhos exprimem interesse talvez demasiado solícito pelo pedido do freguês. Afinal volta-se, tentando imitar o rigor inflexível de sabe-se lá que autômato.⁷

Toda a sua conduta parece uma brincadeira, ele assume a presteza e a rapidez inexorável das coisas. Ele brinca de ser garçom; brinca com a sua condição para realizá-la, tentando se aprisionar naquilo que é. Mas o problema é que o garçom não pode ser garçom de imediato e por dentro como esse tinteiro é tinteiro, ou esse livro é livro. A sua condição de sujeito remete a transcendência, a possibilidades abstratas; ao sujeito que deve ser, mas não é. Só posso ser esse ser-garçom por representação. “Por mais que cumpra as funções de garçom só posso ser garçom de forma neutralizada, como um ator interpreta Hamlet...”⁸ Mas o que tento realizar é o ser em-si do garçom, como se não fosse de minha escolha me levantar às cinco horas da manhã ou ficar deitado, correndo o risco de ser demitido do emprego. Eu sou garçom não a maneira do em-si e sim sendo o que não sou, sendo aquele que transcende de ponta a ponta e ser em-si que pretendo ser. Sou uma “divina ausência” que por toda parte escapa ao ser.

⁶ Idem. p. 95.

⁷ Idem. p. 105.

⁸ Idem. p. 107.

Isso se dá pelo modo de ser da consciência que é o para-si; pura transcendência, o oposto do em-si. Sendo este o ser (pura positividade) fechado em si mesmo, o para-si se manifesta como o outro que não o em-si, como o nada que possui uma “ânsia” pelo ser, como uma “manifestação” que é pura relação com este ser-em-si. Por isso a consciência se faz, seu ser é intencional, voltado para fora, é consciência de ser. A má-fé se manifesta quando esta condição humana se desdobra para assumir uma segunda natureza, quando o garçom quer se tornar coisa-garçom. Nas palavras de J. F. Povoas: “Na má-fé, o homem recusa sua liberdade, deixa de ser razão para ser paixão. Ele é agora, apenas uma mentira.”⁹

Mas surge aí uma pergunta: aquele que se afeta de má-fé, deve ter a consciência de sua má-fé? Não. A “auto-mentira”, simples e deliberada, retrocede e desmorona ante a consciência de estar mentindo a si mesmo. Não é um auto-engano como definiu Danto¹⁰ deixando de lado a dinâmica ontológica da consciência. A má-fé é um fenômeno evanescente, possui uma forma autônoma e duradoura; pode ser o aspecto normal da vida de um grande número de pessoas. “Pode-se viver na má-fé”.¹¹ Dificilmente poderemos rechaçá-la ou compreendê-la como um todo. Mas há tentativas de escapar a essa dificuldade, uma delas é o recurso ao inconsciente que faz a Psicanálise.

Má-fé e Psicanálise

Segundo Sartre, ao usar a hipótese de uma censura concebida como linha de demarcação, a psicanálise instaura no seio da consciência a dualidade enganador-enganado. O instinto representa a realidade, ele simplesmente é, como este livro ou esta cadeira, isto é, ao modo do ser em-si, ao modo do objeto. Suas manifestações nos chegam através de simbolizações conscientes que devem ser consideradas como fatos psíquicos reais – sonhos, fobias, etc. – assim como as palavras e as atitudes do mentiroso que chegam até nós. Diante desses fenômenos o sujeito deve interpretá-los como quem interpreta as condutas do enganador. A “verdade” surgiria quando o enganado conseguisse vincular essas atitudes à situação em que se acha o enganador. Ao psicanalista cabe a tarefa de extrair desses atos simbólicos uma verdade e relacioná-las à situação histórica do paciente.

⁹ PÓVOAS, J. F. Má fé (negação interna) Disponível em :
<http://www.cefetesp.br/edu/eso/filosofia/mefepsicanalisecsc.html>

¹⁰ DANTO, A. C. As Idéias de Sartre. São Paulo: Cultrix, 1993. p. 31.

¹¹ SARTRE. Op. Cit. , p.107.

Para o filósofo de *O Ser e o Nada*, a massa psíquica foi cindida em duas quando o pai da psicanálise fez a distinção entre “Id” e “Eu”. “Sou, mas não sou o ‘Id’. Não tenho acesso privilegiado com relação ao meu psiquismo não consciente.”¹² Na medida em que constato os meus fenômenos psíquicos, sou meus próprios fenômenos. Eu sou este impulso de roubar este livro, ilumino-o e me determino, em sua função, a cometer esse roubo. Mas na medida em que o recebo passivamente e conjeturo hipóteses sobre sua origem, eu não sou esses fatos, isto é, no instante que o interpreto como um impulso imediato determinado pela “falta do livro”; quando o afirmo como um processo de autopunição, vinculado a um complexo de Édipo, estou dizendo que existe uma “verdade” do impulso ao roubo alcançável por hipóteses mais ou menos prováveis. Os critérios usados para saber se essa “verdade” foi alcançada serão dois: o número de fatos psíquicos conscientes que posso explicar e o êxito da cura psicanalítica. Para isso é necessário um mediador entre os rebentos inconscientes e a vida consciente: o psicanalista. Nesse caso, é o outro que executa a síntese entre a tese inconsciente e a antítese consciente.

Portanto, a psicanálise substitui a noção de má-fé pela idéia de uma mentira sem mentiroso. Coloco-me em relação a mim mesmo na situação do outro; ela troca a dualidade do enganador-enganado pela dualidade do “Id” e do “Eu” e introduz, em minha subjetividade, a estrutura intersubjetiva do *mit-sein*.

Resistência e censura

Todavia, o “Id” não pode ser apenas representado como coisa em relação à hipótese do psicanalista, porque a coisa é indiferente às conjecturas que se faz sobre ela, mas o “Id”, ao contrário, é tocado por essas conjecturas. A maior prova disso são as resistências que surgem no decorrer do tratamento psicanalítico, quando a análise começa a se aproximar da suposta “verdade”. Contudo, surge uma pergunta: que parte do paciente pode resistir assim? O “Eu” não poderia suspeitar que o psicanalista se aproxima do seu alvo, pois ele quer desvendar tanto quanto o médico o sentido de suas próprias reações. No máximo ele pode medir e apreciar o grau de probabilidade das conjecturas emitidas. Para o psicanalista as resistências “são surdas e profundas, vêm de longe, têm raízes na própria coisa que se quer elucidar”.¹³

¹² Idem. p. 96.

¹³ Idem. p. 98.

Essas resistências, tampouco emanam do complexo que se quer desvendar; enquanto tal, ele é mais um colaborador, pois recorre a astúcias frente à censura e tende a expressar-se na ‘consciência clara’. Se a censura capta as perguntas e as revelações do analista como mais ou menos próximas daquilo que ela almeja reprimir, então ela “sabe” o que reprime. Ela age com discernimento e sabe o que deve reprimir ou não. Em outras palavras, para Sartre a censura “escolhe” aquilo que deve ser ou não ser reprimido; a prova disso é que ela libera impulsos sexuais lícitos e permite que necessidades básicas do indivíduo expressem-se na consciência – como fome, sede, sono, etc. E mais: como explicar que a censura relaxa sua vigilância e pode ser enganada pelos disfarces do instinto? “Mas não basta que distinga as tendências malignas; é necessário, além disso, que as apreenda como algo que deve ser reprimido, o que subtende, ao menos **um** representação da atividade.”¹⁴ Para Sartre, é impossível que a censura possa discernir impulsos reprimíveis sem ter consciência de discerni-los, pois segundo ele, todo saber é consciência de saber. Essas operações pressupõem que a consciência seja consciente (de)¹⁵ si mesma. Isso significa que a censura é de má-fé. Ao estabelecer entre o inconsciente e a consciência uma consciência autônoma, a psicanálise age de má-fé. Segundo o nosso filósofo, ao determinar uma trindade no psiquismo (Ego, Id, Superego) a teoria freudiana construiu apenas uma nova terminologia sem o menor sentido.

Para Sartre, a teoria psicanalítica não consegue sequer dar conta da unidade do fenômeno como um todo e estabelecer conexões compreensíveis entre diferentes momentos do psiquismo. “Como a tendência reprimida pode disfarçar-se, já que não contém: 1º a consciência de ser reprimida; 2º a consciência de ter sido rejeitada por ser o que é; 3º um projeto de disfarce?”¹⁶ Para que houvesse a possibilidade de se camuflar e se deixa representar na ‘consciência clara’ sob a forma de representações simbólicas, aquilo que esta sendo censurado deve ter a consciência desta censura.

Ao rejeitar a unidade consciente do psiquismo, Freud viu-se obrigado a subentender por toda parte uma ‘unidade mágica’ dos fenômenos internos do psiquismo, sobrepujando obstáculos à distância tal como aquela crença primitiva de que a pessoa enfeitiçada estaria unida à figura de cera talhada a sua imagem. Dizendo melhor, nem esse “vodu psicanalítico” suprimiria a coexistência de estruturas contraditórias e ao mesmo tempo

¹⁴ Idem. Ibidem

¹⁵ Como o próprio Sartre nota, o uso do parêntese se faz necessário para diferenciar esse “(de)” de um problema concernente a teoria do conhecimento.

¹⁶ Idem. p. 99.

complementares. Para Sartre ‘hipostasiou-se’ e ‘coisificou-se’ a má-fé sem evitá-la. É evidente que a partir dessas afirmações, o nosso filósofo está convencido de que a natureza da neurose é consciente.

Um esboço crítico

Pois bem, que relevância todas essas críticas têm para a obra freudiana? É necessário reconhecer que só um espírito atento poderia encontrar problemas internos na estrutura da teoria psicanalítica do sujeito, como o faz Sartre. Mas o mestre francês cai em um erro metodológico. É sabido que a obra freudiana não possui uma unidade com a qual possamos lidar de forma aleatória. Assim como as *Meditações* de Descartes e a *Fenomenologia do Espírito* de Hegel os textos de Freud devem ser lidos como um contínuo processo de “transformação” e “evolução” interna. Descartes sempre advertiu que era mal entendido pelos seus adversários quando estes não respeitavam aquilo que ele chamou de ‘ordem das razões’. A leitura da *Fenomenologia* deve ser feita à luz do princípio ativo de Hegel e tendo em mente o movimento interno que é inerente à obra. O mesmo se dá com Freud. Durante toda a sua vida, o pai da psicanálise reformulou várias vezes a sua teoria; desde o primeiro escrito até o último encontramos uma ciência em constante processo de “auto-correção”. Não apontando diretamente para um, ou mais textos de Freud, Sartre nos deixa num beco sem saída, pois não sabemos qual o momento da obra de Freud que ele está a criticar.

Contudo, podem ainda nos objetar que pelo arcabouço conceitual usado por Sartre – Id, Ego, Superego – ele refere-se mais propriamente a segunda tópica freudiana. É verdade, não há como negar. Mas mesmo após reconstruir a estrutura psíquica com uma segunda tópica que fundamentalmente não mudou até o seu último escrito, Freud reformula, nessa mesma tópica, pelo menos umas três teorias da pulsão diferentes. Visto desta forma, não podemos empreender uma análise crítica mais aguda – pelo menos nesse momento – da leitura sartriana da psicanálise, pois o nosso filósofo não aponta para o Freud que ele está criticando.

A crítica sartriana no seu projeto existencial

Feita essa exposição reflexiva das críticas dirigidas a Freud, devemos agora pensá-las à luz do projeto fundamental da filosofia exposta na volumosa obra *O Ser e o Nada*. Que

importância elas têm para o pensamento sartriano, e para o entendimento do comportamento humano?

Como nota muito bem Bornheim,¹⁷ a ontologia de Sartre não pretende e nem consegue disfarçar uma inelutável compulsão a transformação do homem. Há em toda obra *O Ser e o Nada*, uma presença indiscutível do problema moral, que também está arraigada no conceito da má-fé. Este possui um conteúdo moral implícito de difícil dissolução. O que o mestre francês quer é uma moral da responsabilidade que ponha o homem no centro das suas atitudes, que lhe diga que ele, e somente ele, é o responsável pelo seu ser e pelas suas escolhas. Ora, a psicanálise retiraria do homem toda e qualquer possibilidade de uma ação livre e autônoma. Segundo Rubens Queiroz Cobra: “Aqueles que usam o inconsciente como desculpa do comportamento acreditam que os nossos instintos, nossas inclinações e nossos complexos constituem uma realidade que simplesmente é; que não é nem verdadeira nem falsa em si mesma, mas simplesmente real”.¹⁸ E o que é pior, o postulado do psiquismo freudiano não resolve nem muito menos promove as bases de uma possível dissolução do problema da má-fé. Muito pelo contrário, nas palavras de Burdzinski:

Dessa forma, a psicanálise consegue apenas complexificar e ampliar o problema [...] desde o início promovido pela má-fé. Com isto, a solução psicanalítica revela-se antes como uma pseudo-solução; sua proposta teórica conduz a uma instância – a censura – na qual o problema da má-fé se repõe e a explicação a cerca de sua natureza deve ser reiniciada.¹⁹

Para Sartre, a hipótese do inconsciente comete um profundo equívoco ontológico: ela introduz na dimensão do para-si uma opacidade que cabe unicamente ao em-si. Sartre entende que a teoria psicanalítica é insuficiente para dar conta da má-fé e, conseqüentemente, por o homem no centro de suas ações.

¹⁷ BORNHEIM, G. Sartre. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva. 2005. p. 122.

¹⁸ COBRA, R. Q. Sartre nega o inconsciente freudiano. Disponível em : [http:// www.cobra.pages.com.br/fc-sartre.html](http://www.cobra.pages.com.br/fc-sartre.html)

¹⁹ BURDZINSKI, Júlio César. Má fé e autenticidade. Rio Grande do Sul: Unijuí, 1999. p. 40.

CONCLUSÃO

Interpretar os rebentos do inconsciente como quem interpreta as palavras de um mentiroso é instaurar, no seio da consciência uma dualidade que é própria do fenômeno da mentira: a dualidade do enganador e do enganado. A censura, sendo a barreira e ao mesmo tempo o elo entre os fenômenos conscientes (sonhos, neuroses, etc.), deve ter consciência daquilo que esta reprimindo, pois do contrário, se reprimisse todos os instintos do inconsciente de forma aleatória, os instintos “lícitos” não chegariam ao que ele chama de ‘consciência limpa’. Não sentiríamos, por exemplo, fome, sede, etc.. Aquilo que se censura, só o pode ser, se estamos a par dos problemas que esses instintos podem nos causar. E mais: aquilo que é censurado, para poder burlar a censura e se apresentar como fenômeno consciente, deve saber que vai ser censurado. Portanto, todos esses fenômenos possuem um aspecto consciente e podem ser resolvidos no nível da consciência. Como dissemos, mesmo não fazendo referência direta a que momento da psicanálise Sartre critica, ele entende que esta não consegue, naquilo que lhe é fundamental (a cisão do psiquismo em inconsciente e consciente), dar conta do fenômeno da má-fé. E o que é pior: essas questões, esboçando uma falha interna na teoria psicanalítica, complexificam ainda mais o problema da má-fé; portanto, a teoria psicanalítica desabaria no nada por se mostrar insuficiente na explicação do fenômeno da negação interna. Encontrando problemas na estruturação teórica da metapsicologia freudiana, o nosso filósofo acredita ter descoberto na psicanálise uma conduta de má-fé. Há na filosofia sartriana um projeto implícito baseado numa ontologia da liberdade; um projeto de transformação do homem. Esta transformação, que é moral, não é apenas um rebento da sua filosofia, mas sim uma necessidade na qual toda ela converge. O inconsciente freudiano retira do homem aquilo que lhe é fundamental: a sua liberdade de escolha. Portanto, se quisermos uma moral da “libertação” e da “salvação” é necessário dar ao homem a responsabilidade por seus atos e não estabelecer como desculpa para os seus comportamentos de má-fé “uma dimensão subterrânea que subsiste sob a esfera consciente”.²⁰

Referências Bibliográficas:

SARTRE, J-P. *O Ser e o Nada*. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
BORNHEIM, G. *Sartre*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

²⁰ Idem. p. 38.

- BURDZINSKI, Júlio César. *Má fé e autenticidade*. Rio Grande do Sul: Unijuí, 1999.
- COBRA, Rubens Queiroz. *Má-fé; Psicanálise existencial*. Disponível em:
<<http://www.cobra.pages.nom.br/fcp-sartre.html#Psicanálise>> Acesso em: 06/04/2006
- DANTO, A. C. *As Idéias de Sartre*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- MATTEO, V. Di. Sartre a psicanálise existencial. In: ____ (Org.). *Ressonâncias freudianas na filosofia do séc. XX*. Recife: Mestrado em Filosofia da UFPE, 2003.
- PONTALIS, J.-B. Freud posto em imagens. In: ____ *Perder de vista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- PÓVOAS, J. F. *Má fé(negação interna)* Disponível em :
<<http://www.cefetesp.br/edu/eso/filosofia/mefepsicanalisecsc.html> > Acesso em: 06/04/2006